

CURSO DE INSTRUTORES I

UNIDADE 08

8. O Trabalho de Grupo

Apertar e desapertar parafusos, cortar árvores, pregar pregos são operações fáceis para quem se habilitou pelo treinamento, possui ferramentas adequadas e tem vontade firme na determinação de atingir o objetivo. Mas, quando não utilizadas as ferramentas corretas, a operação se torna difícil quando não impossível.

O mesmo acontece com os estudos em grupo. O instrutor deverá ter um mínimo de conhecimento sobre as bases teóricas de dinâmicas de grupo e se esforçar na aplicação correta dessas técnicas.

Quando em uma reunião de estudo todos participam ativamente a aprendizagem é maior.

8.1. Grupo

8.1.1. Conceito

Conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes que se reúne em torno de uma tarefa específica, promovendo a interação entre os seus componentes.

8.1.2. Constituição

- O número de elementos não é fixo.
- Um grupo menor apresenta melhor rendimento e é mais fácil para coordenar.
- Grupos menores incentivam a iniciativa pessoal e a atividade individual.
- O número de participantes depende de fatores como: idade, conteúdo, material e local.

8.1.3. Formação

8.1.3.1. Formação espontânea

Os estudantes se reúnem livremente por aproximação física na sala de estudo, por afinidade ou por preferência pessoal.

8.1.3.2. Formação dirigida

Os estudantes se reúnem por determinação do instrutor, tendo em vista a tarefa a ser cumprida, as deficiências a serem sanadas, a acomodação de elementos que estão sendo excluídos pelos demais, os interesses manifestados por determinado tipo de trabalho.

Os recursos utilizados para a formação de grupos são variados como: fichas coloridas, cartões ou crachás numerados, questões para estudo em papel de diferentes cores, provérbios, frases, nomes de virtudes, pensamentos que se completam com o outro. Ex.: os alunos procuram os complementos daquele pensamento, frase ou provérbio, formam grupos ou duplas e vão discutir uma questão proposta ou a própria mensagem contida nos mesmos, relacionada com o conteúdo da aula.

8.1.3.3. Formação de grupo eficiente

Exige dos estudantes

Conhecimento sobre o que é trabalhar em cooperação, disposição para ajudar-se mutuamente e capacidade para avaliar as habilidades necessárias aos membros do grupo para o bom desempenho.

Exige dos instrutores

Observação e conhecimento das características dos estudantes, suas aptidões e experiências nesse tipo de atividade, bem como ajuda aos estudantes para que se associem de modo satisfatório, garantindo a flexibilidade dos grupos, a heterogeneidade dos participantes, a aceitação do outro na sua forma peculiar de ser, evitando gerar desestímulos nos estudantes mais inibidos ou com mais dificuldades de aprendizagem.

8.1.4. Papeis dos indivíduos no grupo

O trabalho de grupo supõe a divisão de tarefas, o que facilita o esforço de equacionamento e de resolução dos problemas.

A heterogeneidade é uma característica do trabalho de equipe e torna necessária a definição de papéis de cada membro, o que será feito pelos estudantes orientados pelos instrutores.

Dois papéis são indispensáveis no grupo: COORDENADOR e RELATOR.

Cabe ao coordenador

- Conduzir a tarefa do grupo com objetividade, não permitindo perda de tempo.
- Orientar a atividade para que haja ordem, dando a palavra por vez a quem quer falar e não permitindo discussões paralelas.
- Interessar-se pelo grupo, não o desviando de sua atividade para outros interesses pessoais.
- Relacionar-se bem com todos os membros, não excluindo a participação de qualquer elemento do grupo.

Cabe ao relator

- Registrar o plano de trabalho a ser desenvolvido.
- Anotar fielmente as idéias apresentadas no grupo e as conclusões para após a discussão serem por ele apresentadas.

Cabe aos membros do grupo

- Integrar-se no grupo participando ativamente do trabalho.
- Expressar-se livremente.
- Respeitar os pontos de vista alheios.
- Ouvir enquanto o outro fala.
- Refletir antes de dar sua opinião ou tomar decisão.
- Aceitar e fazer críticas construtivas.
- Cumprir as suas tarefas, apresentando-as no momento adequado.
- Interessar-se pelo sucesso do grupo empregando o máximo de seus esforços.

8.1.5. Dinâmica interna do comportamento grupal

Entre os membros de um grupo existem as diferenças individuais.

Cada indivíduo traz consigo interesses de ordem geral e particular, impulsos, hábitos, sentimentos, crenças e valores bem definidos que até então aplicava a si próprio e que agora projeta nos demais integrantes do grupo.

Além das forças positivas, existem as forças negativas, tais como as angústias, frustrações, inibições e fobias que criam para o indivíduo problemas de ajustamento no grupo.

Para os instrutores é importante observar como se realiza essa dinâmica interna a fim de compreender o comportamento dos participantes e que tipos de ajustamentos são necessários para uma maior interação entre os elementos do grupo e maior eficiência do ensino-aprendizagem.

8.1.6. Atitudes típicas de um grupo imaturo

- Desvia do assunto.
- Interfere indevidamente.
- “Corta” a expressão dos outros.
- Detêm-se em detalhes sem importância.
- Insiste em questões já discutidas e aceitas pelo grupo.
- Torna-se agressivo durante o debate.
- Toma atitude negativa de mau humor.
- Demonstra hostilidade contra o grupo ou determinado indivíduo.
- Procura sobressair criticando os demais.
- Confunde contribuição com crítica, resistindo a aceitá-la.
- Faz críticas sem antes analisar e estudar o ponto em discussão.

Os instrutores e os líderes de um grupo maduro, normalmente ajudam aos seus membros a interpretar essas dificuldades acima apresentadas estimulando aos ajustamentos necessários para que possam amadurecer socialmente com mais rapidez.

8.2. Dinâmicas de estudo em grupo

8.2.1. Conceito

Dinâmicas de grupo é disciplina moderna dentro do campo da Psicologia Social que se ocupa do estudo da conduta dos grupos como um todo e das variações da conduta individual de seus membros, das relações entre os grupos, da formulação de leis e técnicas que aumentem a eficácia dos grupos.

8.2.2. Objetivo

Na área da educação sua utilização visa tornar o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico e eficaz, proporcionando e valorizando a participação ativa dos seus integrantes, num clima de cordialidade, interação, liberdade e cooperação.

8.2.3. Importância

A influência do grupo sobre os indivíduos se manifesta em diversos aspectos relacionados com a aprendizagem individual e a vida emocional.

O grupo pode ter influência importante sobre a personalidade de seus integrantes. Poderá influenciar ou tornar as pessoas mais cooperadoras, participativas, flexíveis, conscientes de seus objetivos e respeitadas com o próximo, ajudando-as a vencer os seus próprios bloqueios e inibições.

8.2.4. Escolha e utilização das dinâmicas de estudo em grupo

Na escolha e utilização das Dinâmicas de Estudo em Grupo, devem ser observados alguns quesitos de extrema relevância, que são:

- **Tempo**

O tempo disponível para a transmissão do conteúdo deve ser sempre muito bem calculado e distribuído entre as diversas atividades, evitando-se, assim, prejuízos na qualidade do processo ensino-aprendizagem. Muitas vezes, na ânsia de se utilizar determinada dinâmica considerada indispensável para a transmissão da mensagem, gasta-se muito do tempo disponível dando-lhe muita ênfase e supervalorizando-a, prejudicando-se, assim a assimilação da mensagem que se quer passar.

É imprescindível ter em mente que a dinâmica de estudo em grupo é um instrumento complementar e apenas um auxiliar no processo; sua valorização excessiva pode ser prejudicial.

- **Ambiente**

As dinâmicas de grupo devem ser adequadas ao ambiente de um Centro Espírita, evitando-se contatos físicos, brincadeiras, barulho e movimentação excessiva que venham prejudicar as condições vibratórias e a seriedade do ambiente.

- **Público**

Outro fator importante a se cuidar é o público que irá participar do estudo. Novamente aí têm que ser buscadas informações precisas, para que se possa adequar a dinâmica à realidade, à idade (público infantil, jovem e adulto) e ao nível de conhecimento e cultura daqueles que serão o alvo do estudo, conforme mensagem de Mãe Zeferina contida nesta unidade.

A utilização de dinâmicas que nada tenham a ver com o conteúdo e com os ouvintes provocarão, ao contrário do que se pretende, a dispersão de esforços e constrangimentos, tornando o processo ensino-aprendizagem ineficaz.

- **Objetivos**

A definição clara do que se quer com o estudo a ser realizado é ponto fundamental. Sem ela, não se pode determinar com certeza que dinâmica utilizar para que venha a ser um agente facilitador da aprendizagem.

Saber onde se quer chegar e o que se pretende alcançar são procedimentos que precisam ficar muito claros e explícitos.

- **Conteúdo**

O domínio do conteúdo do que se pretende passar é fator determinante para o sucesso da aula. Definidos os objetivos e conteúdo, é imprescindível estudar a fundo todos os aspectos relacionados com o tema para se conseguir estabelecer corretamente qual a dinâmica que será utilizada.

- **Domínio da dinâmica**

Buscar conhecer plenamente e saber usar a dinâmica escolhida em toda sua potencialidade é de suma importância. Deve-se sempre evitar o improvisado e os imprevistos. O pleno conhecimento da dinâmica e de sua utilização são fatores que garantirão o sucesso em sua aplicação e na transmissão do conteúdo a ser ministrado.

8.2.5. Dinâmicas nas salas de estudo do CEFAC

Com relação às dinâmicas nas salas de estudo, o instrutor não pode ter a posição de sabido, nem inventar “moda”. Acaba desvirtuando o trabalho de esclarecimento da Doutrina Espírita. Tem que ter muito cuidado com a preparação das reuniões de estudo. Vamos evangelizar a criança na dose da criança; a necessidade do adulto é outra. O da criança é um trabalho de conquista, temos que “engambelá-las”, criar estímulos, “domesticar as ferinhas” com muito mais recursos de atração.

Os jovens estão cheios de vontade, de outras idéias; por isso tem que temperar os estudos deles com as brincadeiras, com trabalho fora, às vezes até com o trabalho braçal. Com o adulto, a coisa é outra, porque ele traz sofrimento, mágoa, rancor, amargura, infelicidade. Ele quer luz, consolação, esclarecimento e orientação para a vida. Não estão mais com paciência para brincadeiras em sala de estudo, que ficam melhor para as crianças e os jovens.

Temos de considerar que os adultos, na sua maioria, têm experiência de vida, trabalho duro, vêm de casamentos desfeitos. Muitos são portadores de doença e trazem dificuldades de toda sorte. Eles querem esclarecimento, merecem o respeito, a confiança e a nossa alegria.

Às vezes, Nega Velha fica sabendo que tem instrutor fazendo experiência nas reuniões de estudo que não se ajusta aos objetivos da nossa Casa. Quem vem aqui na nossa Casa quer receber o ensino da Doutrina Espírita, não quer brincadeiras.

Mãe Zeferina, em 02.04.89

8.3. Dinâmicas de apresentação e integração

São úteis na reunião de abertura de cada curso. Além de servirem para “quebrar o gelo” da comunicação inicial, desfazem o clima de massificação a que todos estamos acostumados, promovendo aconchego e integração entre os participantes.

8.3.1. Sugestões de dinâmicas de apresentação e integração

1. Apresentação

O(s) instrutor(es) do curso se apresenta(m) de maneira breve e informal dizendo seu nome, boas vindas e algumas informações iniciais. Em seguida, convida os presentes a fazer o mesmo (ex.: nome, o que espera do curso, ou o que o trouxe à Fraternidade).

Obs.: As cadeiras deverão estar dispostas em círculo para facilitar a visualização.

2. Quem é você?

Em círculo, o primeiro dirá seu nome e o que mais gosta de fazer. O segundo repetirá os dados do primeiro e dirá os seus; o terceiro, repetirá os do primeiro, do segundo e dirá os seus e assim sucessivamente, sempre o seguinte repetindo primeiramente os dos anteriores e em seguida se apresentando. Quando fechar o círculo poderá pedir voluntários para tentar realizar o exercício sozinho dizendo o nome e o que mais gosta de fazer de cada um do grupo.

3. Minha responsabilidade

Distribui-se canetas coloridas e papel para todos os estudantes. Cada um irá fazer um desenho que caracterize um aspecto marcante de sua personalidade. Após irão se reunir em grupos pelas cores das canetas, irão mostrar o seu desenho e os demais participantes do grupo tentarão adivinhar; após, o autor fará as complementações necessárias e sucessivamente os demais participantes adotarão o mesmo procedimento.

4. Como sou?

Dois a dois irão conversar sobre as características predominantes da personalidade de cada um. Poderão após, um apresentar a personalidade do outro no grande círculo.

5. Minhas expectativas

Distribui-se formulário (modelo abaixo) dividido em 4 partes contendo as seguintes questões relativas às expectativas com relação ao curso que está iniciando:

Curso:	Nome:
SOU	ESTOU
POSSO	QUERO

O formulário deverá ser preenchido individualmente e, após, comentado nos grupos por cada participante.

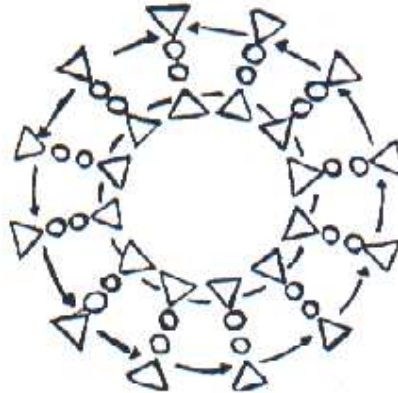
6. No meu dia-dia

Distribuição de cartões com pensamentos a todos; irão identificar o(a) colega pela numeração igual atrás do cartão. Dois a dois (ou mais) irão comentar entre si os pensamentos extraindo mensagens que podem ser aplicadas na nossa vida diária.

7. O que me trouxe ao CEFAC

Distribuição de marcadores com nomes de virtudes (2 virtudes iguais), formarão duplas e dois a dois irão conversar sobre: O que me trouxe à Fraternidade? Após, no grande círculo, um irá dizer o motivo que trouxe o colega à Fraternidade e assim sucessivamente.

8. Duplinhas rotativas



A técnica se presta magnificamente para criar rapidamente o clima de comunicação e integração num grupo, especialmente nas reuniões iniciais.

Seqüência da técnica

- 1) Os membros do grupo estão sentados em círculo.
- 2) Feita a contagem, os números ímpares formam um círculo concêntrico interno, formando dupla com o número par seguinte.
- 3) As duplas sentam de frente; o círculo externo voltado para dentro; o interno voltado para fora. Como aparece na figura acima.
- 4) Cada dupla dialoga (entrevista recíproca; troca de informações; troca de idéias; bate-papo informal) durante 2 minutos (mais ou menos, dependendo do tamanho do grupo, dos objetivos e do tempo disponível). O diálogo pode ser sobre uma questão direcionada pelo instrutor.
- 5) Cada 2 minutos, a um sinal convencional, os membros do círculo externo avançam um lugar. Assim até completar a volta.
- 6) A nova dupla dialoga dois minutos.

7) Completada a volta, reconstitui-se o grande círculo, e passa-se à avaliação do exercício. É interessante que os participantes possam dizer livremente suas impressões.

9. Biografia

Nas reuniões de estudo ou em reuniões em que há interesse na integração do grupo, pode ser introduzida a apresentação das biografias dos participantes.

Esta pode ser feita de maneiras variadas. O papel do “biógrafo”, exercido em rodízio no grupo, torna este exercício muito interessante. Em cada sessão é apresentada a biografia de um dos membros. A biografia pode ser apresentada por escrito, através de entrevista feita na hora, através de entrevista gravada, através de técnicas jornalísticas, etc. Pode-se dizer antes quem é o biografado, ou então apresentar os dados, e perguntar no fim: Quem é?

10. Entrevista

Os estudantes formarão um grande círculo, receberão do instrutor um formulário de entrevista e orientações de como preenchê-lo. Olharão para os colegas e escolherão aqueles cujos dados gostaria de conhecer (os dados estão contidos no formulário abaixo) colocando os nomes dos colegas escolhidos na 2ª coluna do formulário em frente aos itens correspondentes. Após, todos se levantarão e ao mesmo tempo começarão a entrevista colocando na 3ª coluna as respostas dos entrevistados.

O QUE MAIS GOSTA DE FAZER		
A COR PREFERIDA		
O LIVRO QUE MAIS GOSTOU		
O QUE O TROUXE AO CEFAPK		
ALGO QUE GOSTARIA DE FAZER		
A CANÇÃO INESQUECÍVEL		
UMA LEMBRANÇA GOSTOSA		
O QUE ESPERA DO CURSO		
O LUGAR MAIS BONITO		

8.4. Dinâmicas de estudo em grupo

São variadas, criam motivação para o estudo, facilitam a exploração do conteúdo e tornam os estudos mais interessantes e aconchegantes. Nesta unidade sugerimos algumas, mas o instrutor poderá criar muitas outras, adequando-as ao público-alvo e ao nosso ambiente, que é o de um Centro Espírita.

8.4.1. Sugestões de dinâmicas de estudo em grupo

1. Tempestade mental

É muito comum usar-se a Tempestade Mental para incentivação ou introdução. Consiste em solicitar à classe o maior número de palavras ou exemplos relacionados com o tema, ditas em voz alta, aleatoriamente, em prazo de tempo muito curto (5 minutos).

É uma técnica de grupo em que se deixam as pessoas atuarem em um clima totalmente informal, com absoluta liberdade para expressarem o que pensam, afim de se obterem idéias originais ou soluções novas.

DESENVOLVIMENTO:

1ª fase – Apresentação do tema, explicação da técnica e formação de um clima favorável ao trabalho, como:

- Livre associação de idéias.
- Necessidade de uma quantidade de sugestões, para uma seleção posterior.
- Despreocupação com a crítica.
- Apresentação de todo tipo de idéias, mesmo as mais absurdas.

2ª fase – Criação de idéias. Anotação no quadro de todas as idéias apresentadas pelo grupo. Nesta fase, fixa-se o tempo de acordo com o assunto.

3ª fase – Seleção das idéias mais adequadas à situação e às possibilidades de realização.

Análise das idéias em um plano de possibilidades práticas, de eficiência e de ação concreta (“A idéia é boa, mas há possibilidade de levá-la à prática?” “Adapta-se às circunstâncias?” “Como se realizaria?” etc.).

4ª fase – Resumo final, pelo moderador (instrutor). Conclusões finais junto com o relator e o grupo.

OBJETIVOS DA TÉCNICA:

- Desenvolver e exercitar a imaginação criadora.
- Criar um clima informal, permissivo ao máximo, livre de tensões.
- Superar o conformismo, a rotina e a indiferença.
- Atuar com autonomia, originalidade e personalidade.
- Desenvolver atitudes espontâneas.

2. Painel com interrogadores

Consiste na troca de discussões entre um painel que domina o assunto e uma ou mais pessoas que fazem perguntas (interrogadores). É uma técnica de ensino que permite uma troca de informações precisas sobre um assunto. O número de pessoas de cada painel não deve ultrapassar a cinco.

A interação entre os interrogadores e o painel permite o pleno desenvolvimento do assunto. Essa técnica consome muito tempo, sendo portanto, sua duração variável, de acordo com a natureza do assunto.

DESENVOLVIMENTO:

1ª fase – Organização do grupo de interrogadores e do painel.

OBSERVAÇÕES:

- O número de interrogadores deve ser igual ou menor que o número de membros do painel.
- Pode-se constituir um grupo para síntese final, substituindo o relator.

2ª fase – Debates, com perguntas dos interrogadores e respostas do painel.

3ª fase – Debates com a participação do plenário.

4ª fase – Apresentação de uma súmula final, pelo relator ou grupo de síntese.

OBJETIVOS DA TÉCNICA:

- Aproveitar o maior conhecimento e a experiência de alguns membros do grupo, no sentido de obter-se o máximo de ensinamentos sobre o assunto.

- Desenvolver a capacidade de raciocinar rapidamente.
- Desenvolver a capacidade de expressar-se.
- Superar inibições.
- Desenvolver o senso de responsabilidade.

AÇÃO DO MODERADOR (INSTRUTOR):

- Selecionar, com o grupo, os membros do painel e os interrogadores.
- Apresentar ao grupo o assunto a ser discutido.
- Explicar a técnica a ser seguida para que o painel e o grupo não se percam.
- Intervir, quando necessário, para esclarecer melhor algum detalhe, aprofundar alguma explicação ou interromper o participante que esteja sendo redundante ou demasiadamente prolixo.
- Encerrar o interrogatório, após a apresentação da súmula final pelo relator ou grupo de síntese.

AÇÃO DOS INTERROGADORES:

- Organizar perguntas que toquem nos pontos de interesse do assunto.
- Exercer as normas de boas maneiras, usuais em todos os debates.
- Responder os interesses do grupo fazendo o maior número possível de perguntas.
- Ter em mente que é sua a responsabilidade principal de formular perguntas que permitam realmente dar ao grupo maior conhecimento e experiência sobre o assunto.

OBSERVAÇÃO:

Normalmente, costuma-se dividir o “grupão” em grupos para que estes selecionem os interrogadores e preparem as perguntas em equipe.

AÇÃO DOS MEMBROS DO PAINEL:

- Estudar o assunto profundamente, preparando-se para executar a tarefa que lhe corresponde.
- Responder às perguntas de maneira clara, precisa e concisa.
- Exemplificar, com base em sua experiência, sempre que possível.

POSSÍVEIS APLICAÇÕES:

Esta técnica pode ser aplicada amplamente, não somente para estudo completo de um assunto, como também para avaliação.

O painel pode ser constituído por “experts” ou pelos próprio alunos. Neste último caso, cada aluno tem oportunidade para consultar, pesquisar e estudar exaustivamente a matéria para poder responder com firmeza às perguntas que lhe são feitas pelos interrogadores.

3. Debate público, júri simulado ou diálogo

É uma intercomunicação direta entre duas pessoas ou dois pequenos grupos (máximo 3 pessoas), que discutem diante do grupo um assunto específico ou problema determinado. Os debatedores devem ser conhecedores do assunto e, além disso, capazes de manter um diálogo vivo e interessante. É necessário que tenham pontos de vista diferentes sobre o assunto.

É conveniente que os debatedores troquem idéias antes dos debates, colocando-se de acordo com os aspectos que vão abordar e preparando material ilustrativo para usar no momento oportuno.

Sua duração é de 60 minutos.

DESENVOLVIMENTO:

- 1ª fase – O moderador formula o assunto para ser debatido e apresenta os debatedores ao grupo.
- 2ª fase – O moderador explica o procedimento a ser seguido e cede a palavra aos debatedores.
- 3ª fase – O diálogo se inicia e se desenvolve de acordo com o esquema previamente traçado; os debatedores devem evitar leituras e “discursos”.
- 4ª fase – O moderador encerra o diálogo, cuja duração é de aproximadamente 30 minutos e convida o grupo a fazer perguntas, podendo indicar um relator para a conclusão final.
- 5ª fase – O moderador recolhe as opiniões do grupo para uma conclusão definitiva, com ajuda do relator.

O moderador pode constituir um “jurado” (5 a 7 membros) para “julgar”, afim de chegar a uma conclusão final sobre o assunto, principalmente se este for muito controverso.

OBJETIVOS DA TÉCNICA:

- Superar inibições, estimulando os expositores de poucas aptidões a apresentarem suas idéias e a sustentarem os debates.
- Formar o hábito de metodizar e planejar.
- Estimular o raciocínio, fazendo com que o grupo acompanhe os debates e reflita sobre os pontos de vista discutidos.
- Favorecer o autocontrole e a observação objetiva do assunto.

AÇÃO DO MODERADOR:

- Preparar o local da reunião de modo que todos os membros do grupo possam ver, ouvir e sentir-se integrados no diálogo.
- Selecionar o assunto de acordo com o interesse do grupo.
- Selecionar os debatedores (do próprio grupo ou “experts”) que estejam familiarizados com o assunto.
- Moderar os debates, controlando os excessos emocionais.

AÇÃO DOS DEBATEDORES:

Os debatedores devem reunir-se previamente para discutirem:

- Um plano para o debate público.
- Fontes bibliográficas a serem consultadas.
- Auxílios visuais a serem usados.
- Distribuição do tempo.
- Os enfoques a serem abordados.

POSSÍVEIS APLICAÇÕES:

Muitos pontos do programa, ou mesmo de interesse pessoal dos estudantes, podem ser tratados ou enriquecidos mediante o Júri Simulado.

Pode organizar-se o diálogo com instrutores ou com os próprios estudantes que sejam preparados para discutirem o tema.

Esta técnica se presta para assuntos particularmente complexos ou muito conceituais, em diversos campos, pois o Debate Público *completa, esclarece e reforça* os conceitos, além de despertar o interesse de todos, desenvolvendo, assim um clima cooperativo no grupo.

4. Relator surpresa

Distribuição de cartões com figuras diferentes de acordo com o número de equipes a serem formadas. Em uma das gravuras de cada equipe haverá uma pequena diferença (que não dê para o estudante perceber como destaque). Quem tirar o cartão que contém a figura com esta diferença será o relator da equipe que irá apresentar a conclusão da questão para estudo, proposta antecipadamente pelo instrutor.

5. Cochicho ou zum-zum

A turma dividida de dois em dois, discutirá por um prazo curto uma questão proposta. Após o tempo previsto, colhe-se os resultados, convidando alguns grupos para exporem as conclusões. Verifica-se entre os que não foram chamados se há algo a se acrescentar. Esta técnica é muito dinâmica e útil como participação de estudo e às vezes como incentivo ou fixação. As perguntas propostas devem ser curtas, por serem orais. Pela facilidade de sua utilização deve-se ter cuidado em não usá-la constantemente.

6. Seminário

Divide-se a turma em vários grupos. Propõe-se o tema para cada grupo, com uma semana ou mais de antecedência. O grupo deverá marcar reuniões fora da sala de estudos para preparar o tema da maneira que achar melhor. Em próxima reunião, cada grupo exporá seu trabalho. O instrutor poderá propor o mesmo tema para todos os grupos ou dividir o tema em questões para que se completem. É aconselhável que os grupos sejam formados por estudantes que residam próximos, para facilitar o encontro fora da reunião.

7. Teste antecipado

Esta técnica serve para incentivar os estudantes para o tema e também para se aferir o nível de conhecimentos da classe. Prepara-se uma série de perguntas, ligadas ao tema. Perguntas de conhecimento, de interpretação, de opção. Distribui-se o questionário para cada estudante dando-se alguns minutos para responder. Recolhe-se o questionário e desenvolve-se o estudo respondendo, em seu conteúdo, todas as perguntas. Como fixação devolve-se o questionário para que se corrija individualmente ou em grupo. Havendo tempo, as perguntas serão respondidas, uma a uma, para melhor aferição dos estudantes.

8. Vareta mágica

Entrega-se uma vareta ou régua à classe para que os estudantes passem de um a um (cadeira em círculo se possível). O instrutor ficará de costas para a classe e depois de um certo prazo (curto) baterá palmas. Aquele que nesse momento estiver com a vareta, responderá a pergunta que o instrutor fará.

Obs.: Ao invés de palmas poderá ser utilizada música orquestrada rápida, quando o instrutor der a pausa na música quem estiver com a vareta responderá a pergunta que o instrutor fará.

O instrutor deverá desenvolver o conteúdo através de perguntas claras, objetivas e que obedeçam a uma seqüência lógica.

9. Grupo resposta

O instrutor convidará com antecedência médiuns experientes da Casa, se possível dirigentes de grupos mediúnicos, para formarem um grupo (no mínimo 3 pessoas) e responderem perguntas sobre o tema em estudo.

O instrutor deverá inicialmente fazer uma introdução do assunto (+/- 15 min.) utilizando recurso visual.

Em seguida distribuirá formulários aos estudantes para perguntas escritas, podendo ser feitas também perguntas orais.

O instrutor deverá levar algumas perguntas já formuladas para serem feitas inicialmente, enquanto aguarda a formulação das perguntas pelos estudantes. As perguntas deverão ser selecionadas pelo instrutor e encaminhadas ao Grupo Resposta.

10. Philips 6.6

Formam-se grupos de 6 pessoas. Cada grupo terá 6 min., assim distribuídos:

1 min. para organizarem-se em grupos.

1 min. para escolha do coordenador e secretário-relator.

3 min. para chegarem a uma conclusão sobre o assunto proposto.

1 min. para voltarem aos lugares iniciais.

Depois, cada coordenador ou relator apresentará as idéias de seu grupo e o instrutor realizará uma síntese dos aspectos mais importantes.

11. Embolada

É o resultado de uma pergunta que divide o grupo, quando uns têm um modo de pensar e outros têm outro. A embolada não deve durar senão poucos momentos que tragam ao grupo o entusiasmo desejado. Exemplos dessas perguntas: O que é mediunidade? O que é reforma íntima? – As perguntas, ligadas ao tema e feitas como introdução do mesmo, motivam e despertam o interesse para o assunto.

VARIAÇÃO: O instrutor poderá escolher alguns estudantes para serem entrevistados; isto é, darem suas opiniões sobre perguntas relacionadas com o tema.

12. Discussão circular

Divide-se a classe em grupos. Cada grupo forma um círculo e escolhe um coordenador. Uma pessoa, à direita do coordenador, por exemplo, fala por um minuto sobre o assunto em discussão. A seguir fala a pessoa que estiver à sua direita e assim por diante. Só pode ser usada a palavra uma segunda vez quando todos os círculos tiverem falado. Deve-se chegar a uma conclusão.

13. Debate

A classe é dividida em dois grupos. Cada um defende o ponto de vista de seu grupo sobre assunto que tenha argumentos bem definidos de ambos os lados.

As questões para debates deverão ser formuladas pelo instrutor.

14. Painel de oposição

Divide-se a classe em duas metades:

- Perguntadores

- Respondedores

Cada metade é dividida em subgrupos de 4 a 6 pessoas. Apresentando o tema, serão dados 15 a 20 min. para que:

Os perguntadores elaborem perguntas a serem apresentadas aos respondedores que, enquanto isso, deverão imaginar as possíveis perguntas que lhes serão feitas e preparar as respostas.

Um dos subgrupos de perguntadores faz uma pergunta e os respondedores devem responder. Se os perguntadores não ficarem satisfeitos com a resposta dada, devem, por sua vez, responder.

Todos os grupos de perguntadores deverão fazer sua melhor pergunta.

15. Pergunta sem resposta

Esta técnica auxilia e dinamiza o desenvolvimento do estudo. Distribui-se entre os estudantes uma série de perguntas numeradas, e a outros as respostas, porém sem numeração. O instrutor solicita que se leia a primeira pergunta e indaga quem tem a resposta correspondente. Os estudantes lerão atentamente a questão, procurando responder corretamente. Havendo confusão na resposta caberá ao instrutor corrigi-la e aproveitar para dissertar brevemente sobre a pergunta, passando em seguida para a segunda e assim sucessivamente, até que terminada a última pergunta o tema esteja concluído.

16. Painel integrado

A classe é dividida em grupos, todos eles com o mesmo número de elementos. Exemplo: grupos com 5 elementos numerados de 1 a 5 (convém entregar uma ficha). O tema proposto será o mesmo para todos. Haverá um tempo, a critério do instrutor, para a discussão em grupo. As anotações e conclusões serão feitas por todos os elementos do grupo. Vencido o tempo, serão formados novos grupos, agora da seguinte maneira: um grupo só com os números 1, outro com os números 2, e assim por diante. Haverá nova discussão, agora das conclusões a que os grupos haviam chegado.

Na fase final:

- Espaço para perguntas complementares.
- Comentários finais do instrutor.

17. Simpósio

Duas ou mais pessoas fazem palestras breves sobre aspectos diferentes de um mesmo tema. Segue-se debate pelo auditório ou uma sessão de perguntas e respostas.

18. O tribunal

Após o estudo do tema, cada equipe escolhe um estudante para representá-la na tribuna. O Corpo de Jurados, escolhido pelo instrutor ou mediante sorteio, formula e lança perguntas à tribuna, testando-a de várias maneiras. Cada resposta certa vale 10 pontos e em cada erro o grupo perde dez pontos. Há rodízio, com apresentação de outras equipes na tribuna.

19. Arquipélago de tele-sala

Após a apresentação e estudo do tema, cada equipe "ilha" escolhe um componente de outra "ilha" para responder algumas perguntas formuladas pelos estudantes, durante o estudo. Cada resposta vale dez pontos. Todas as "ilhas" formam o arquipélago de tele-sala.

20. O cobrão

Logo após o estudo do tema (20 mi.), os estudantes formam o grande grupo e um voluntário apresenta-se para responder algumas perguntas formuladas pelo instrutor. Se o estudante não sabe responder ele mesmo aponta um colega para substituí-lo e, assim, sucessivamente. Aquele que faz maior número de pontos é chamado o "cobrão da classe".

21. Reportagem dos canais de TV

O instrutor apresenta um assunto e divide a classe em 4 equipes (cada uma recebe o nome de um canal de TV). Os estudantes estudam o tema durante dez minutos. Em seguida, os canais entram no ar, um após outro, e apresentam o tema, não sendo permitido consultar o papel de apoio ou qualquer outra anotação. O instrutor aponta o canal vencedor, levando em conta a participação individual e o tempo certo (cinco minutos), no máximo.

22. Telegrama

Os estudantes formam um semicírculo e lêem determinado assunto durante cinco minutos. Em seguida escrevem uma resumida explicação sobre o assunto. O estudante nº 1, escreve para o nº 2, este para o nº 3 e assim por diante. Após o tempo previsto para preparação (3 minutos), os estudantes trocam os telegramas e, no semicírculo, fazem a leitura, explicando seu conteúdo. Os estudantes cujos telegramas não estão corretos, ficam de pé, sem falar. Nos últimos minutos, os autores dos telegramas errados apresentam-se para corrigi-los, libertando seus colegas.

23. O herói da tarde

Após o estudo do tema, cada equipe escolhe um membro para representá-la. Os representantes colocam-se no meio do grupo e respondem algumas perguntas elaboradas pelos colegas. Aquele que responde corretamente maior número de questões é escolhido o herói da tarde.

24. Competição

O instrutor divide a turma em dois partidos: Vermelho e Azul; escolhe um juiz e escreve, em pedaços de papel, várias perguntas sobre o assunto estudado, colocando-as em caixas separadas. O chefe de cada partido escolhe um elemento de seu grupo e indaga ao juiz: "Que deverá fazer o dono desta prenda?" Este retira da caixa um papel e lê em voz alta a pergunta ou a tarefa solicitada. Se o estudante não responde ou não faz a tarefa seu partido perde pontos.

25. Continue e não repita

Após o estudo do tema, o instrutor ou um estudante inicia, no grupão, a apresentação do assunto estudado e passa a palavra ao vizinho, que dá seqüência ao seu pensamento, sem, no entanto, repeti-lo. Todos falam, mas nenhum estudante muda o assunto ou repete o que já foi dito.

26. Aquários

O instrutor apresenta o assunto e escreve no quadro alguns itens sobre o tema. Um pequeno grupo, formado por 4 estudantes, inicia o debate, enquanto os outros, em volta, ouvem atentamente a discussão. Quando um estudante de fora apresenta alguma contribuição é convidado a participar do pequeno grupo. À medida que os estudantes participam do debate, o grupo menor cresce, comprovando assim o nível de participação dos integrantes do grupo.

27. Equipe 10

O instrutor distribui a cada grupo um número determinado de exercícios. Dado o sinal, eles começam a resolvê-los. Depois do tempo previsto, o instrutor recolhe os exercícios e redistribui com os estudantes para toda classe participar da correção. O grupo que fizer maior número de exercícios corretos é considerado a "Equipe 10" da classe.

28. É com esse que eu vou

O instrutor seleciona cinco ou seis assuntos para a turma estudar e coloca-os nas blusas de alguns estudantes. Estes colocam-se no centro da sala, enquanto os outros, dependendo de suas dificuldades e necessidades, escolhem um dos temas, formando assim, 5 ou 6 equipes de estudo. No grupão, após o estudo, os relatores apresentam suas conclusões.

29. Zig-zag ou técnica do x

Após o estudo em equipe, o instrutor divide a turma em dois grupos e coloca-os frente a frente. Um estudante da fila (A), inicia o jogo fazendo uma pergunta para o estudante da fila (B). Este, caso responda corretamente, faz uma pergunta a um estudante do grupo oposto e assim por diante. Vence o grupo que fez maior número de pontos.

30. Cochicho só depois

O instrutor determina um assunto e os estudantes estudam individualmente, após o tempo previsto para o estudo, agrupa-os dois a dois e inicia o cochicho. No grupão, um estudante de cada grupinho apresenta suas conclusões.

31. Entrevista

O instrutor escolhe um tema qualquer e os estudantes se preparam. Pede a cada estudante para elaborar duas ou três perguntas sobre o assunto em questão. Na apresentação, escolhe alguns estudantes para constituir a mesa dos entrevistados. Estes devem responder as perguntas da banca dos entrevistadores que podem ser escolhidos pelo instrutor ou mediante sorteio.

32. Painel rotativo

Cada grupo elabora perguntas sobre o assunto estudado. O grupo "A" faz a sua primeira pergunta ao grupo "B", este ao grupo "C" e, assim por diante, até que a última equipe faz sua primeira pergunta ao 1º grupo "A". Cada pergunta inicia um novo ciclo. Vence a equipe que fizer mais pontos.

33. Caixinha de perguntas

DESENVOLVIMENTO:

- Encaminhada a sessão, o instrutor apresenta rapidamente o tema.
- Estimula a participação de todos no grupo.
- Avisa que em seguida passará uma caixinha com perguntas. Por enquanto é dado um tempo "X" (determinar) para leitura do texto.
- Começa o "jogo da caixinha", ao som de uma música. A caixinha vai passando de mão em mão. Quando pára a música, o que está com a caixinha extrai um bilhete. Tem um minuto para responder, servindo-se, querendo, do texto.
- A caixinha prossegue. Se parar na mão de alguém que já respondeu, quem responde é o colega que o antecede.

OBJETIVOS:

- Motivar o estudo de um texto ou tema.
- Estimular a participação de todos no grupo.
- Proporcionar intercâmbio de informações, comunicação e integração do grupo.

O valor da técnica está em que todos são intensamente envolvidos em cada resposta. Enquanto o sorteado busca a resposta, todo mundo pensa, procura no texto, fica atento para o resultado.

34. Mini-aula ou aulinha

OBJETIVO:

Esta é outra técnica destinada a quebrar a monotonia do estudo expositivo, promovendo maior interesse e participação dos estudantes.

DESENVOLVIMENTO:

- O tema desenvolvido é subdividido numa série de itens (possivelmente um para cada estudante ou membro do grupo), escritos em folhas, numeradas segundo a seqüência lógica do tema.
- Distribuídas as fichas, o instrutor faz a apresentação do tema e uma rápida introdução ao mesmo. Convida, em seguida, os membros do grupo, a fazerem a exposição do mesmo, seguindo a ordem das fichas que receberam.
- O instrutor dará o fecho final. Poderão seguir-se perguntas ou debates em torno do tema exposto.

VARIAÇÕES E APLICAÇÕES DA TÉCNICA:

- Tratando-se de crianças, convém que os itens já estejam devidamente redigidos, na ficha que lhes é entregue, cabendo-lhes o papel de ler aos colegas a parte que lhes pertence. Todavia com estudantes mais adiantados, pode-se propor na ficha apenas, uma questão, pedindo que eles a exponham com as próprias palavras, ou usando a resposta por eles pesquisada.
- Outra maneira para realizar a técnica pode ser a seguinte: Apresenta-se aos estudantes o tema da reunião seguinte, pondo em evidência a importância do mesmo, comunica-se que sobre o tema todos deverão trazer a própria contribuição: as idéias pesquisadas num livro; uma notícia de jornal; o resultado de uma entrevista; o resumo de um artigo de revista; etc. Cada qual terá um, dois ou três minutos, conforme a importância do assunto e o tamanho do grupo, para expor sua parte.

35. Estudo de caso

O grupo estuda um "Caso" ou mais, dado com todos os detalhes, para chegar a conclusões e soluções possíveis.

DESENVOLVIMENTO:

- O instrutor explica os objetivos e o mecanismo da técnica.
- Apresenta o caso, em linhas gerais.
- Distribui cópias do relato escrito do caso, em detalhes, com perguntas que servirão de guia para análise.
- Divide a turma em grupos.
- Os grupos estudam o caso, analisando-o e discutindo livremente os diversos aspectos.
- Os relatores dos grupos lêem e anotam as sínteses das conclusões. Debates. Conclusões finais.

OBJETIVOS DA TÉCNICA:

- Favorecer a aplicação dos conhecimentos, das experiências e motivações dos membros dos grupos na procura de soluções.
- Desenvolver a capacidade de análise.
- Desenvolver a compreensão, no sentido de admitir que um caso comporta mais de uma solução.
- Desenvolver a flexibilidade de raciocínio.
- Exercitar os membros do grupo no estudo de situações típicas de seu campo vivencial.

FOLHA PARA TRATAMENTO DE CASOS - MODELO

O PROBLEMA É:

OS DADOS DO PROBLEMA SÃO:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

AS SOLUÇÕES POSSÍVEIS SÃO:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

A MELHOR SOLUÇÃO POSSÍVEL É:

PROCESSO PARA COLOCÁ-LA EM PRÁTICA:

OBSERVAÇÕES:
